

ARAÚJO, Mariclécia Bezerra de. **A Mitologia Arquetípica Feminina em Imagens Primordiais: os encontros**. Natal/RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Mestre em Linguagem e Ensino (UFCG/PB); orientador: Robson Carlos Haderchpek. Atriz do Grupo Arkhétypos de Teatro e Arte-educadora.

RESUMO: Este trabalho é resultado de uma experiência vivida durante três consecutivos anos no Grupo Arkhétypos de Teatro - projeto de extensão coordenado pelo Prof. Dr. Robson Haderchpek, tendo como atores os alunos do próprio curso, desenvolvendo a partir de uma prática laboratorial uma dramaturgia voltada para os *Encontros*. Foi pesquisado, então, como o mito da mulher selvagem e sua natureza instintiva foi acessada com profunda investigação. Para tanto, Estés (2014), Campbell (2014), Bachelard (1989) e Jung (2000) nortearam as formas de organização deste trabalho, que se transformaram em descobertas magníficas, durante os laboratórios, em busca de uma associação entre o mito do pássaro e as sensações míticas vividas pela personagem, pois o manto que cegava por dentro, foi retirado, sendo capaz de guiar a atriz, influenciando-a a sacrificando velhos hábitos. O processo deu luz ao arquétipo da *Espera*, revelando, sobretudo, como o arquétipo da *Bruxa* surgia em determinados momentos, durante o acesso aos elementos da natureza. O trabalho com a poética dos elementos é uma pedagogia utilizada como fonte de inspiração ao processo; e neste, em especial, a água era o elemento onírico mais acessado. Assim, o encontro com o arquétipo, vem da mitologia pessoal que se mostra em construção mediante a cena, revelando não só os deslumbres escondidos e sim os mecanismos que cada um pode encontrar em um jogo ritual, a partir do encontro com o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Poética dos Elementos, Arquétipos, Mulher Selvagem, Jogo Ritual.

ABSTRACT: This paper is the result of an experience lived during three consecutive years in the Grupo Arkhétypos de Teatro – a University Extension project coordinated by Prof. Dr. Robson Haderchpek, having as actors the students of the course itself, developing from a laboratory practice, a dramaturgy focused on the *Encontros*. We researched how the myth of the wild woman and her instinctive nature was accessed with in-depth research. For this, Estes (2014), Campbell (2014), Bachelard (1989) and Jung (2000) guided the organization of this work, which became magnificent discoveries during laboratories, in search of an association between the myth of the bird and the mythical sensations lived by the character, because the cloak that blinded inside, was withdrawn, being able to guide the actress, influencing it by sacrificing old habits. The process generated the archetype of Waiting, revealing, above all, how the Witch archetype emerged at certain times during access to the elements of nature. The work with the poetics of the elements is a pedagogy used as a source of inspiration for the process; and in this, in particular, water was the most accessed dreamlike element. Thus, the encounter with the archetype comes from the personal mythology that shows itself in construction through the scene, revealing not only the hidden glories but the mechanisms that each one can find

in a ritual game, from the encounter with the other.

KEYWORDS: Poetics of the Elements, Archetypes, Wild woman, Ritual Game.

O ser humano, em algum momento de sua vida, sente a necessidade de narrar suas histórias, seja de forma direta ou indiretamente, ele age conforme seus instintos, inventando formas de explicar sua existência neste plano terrestre. Ele é inspirado a sempre ligar fatos e ações a determinadas façanhas de sua trajetória, e calcula em um tempo/espaço os símbolos que lhes revela a dimensão de todos os seus mistérios.

Alguns estudiosos da literatura universal escrevem em seus livros sobre o significado da vida de seus personagens, talvez eles estejam escrevendo sobre suas próprias peripécias, sobre seus sonhos que surgem como um despertar na hora da escrita. Este intervalo de tempo que surge assombrosamente aos mediadores da leitura, são sinais, que se revelam e que se moldam à mão, tornando-se histórias, deles e de quem as lê.

O mito em muitas culturas nasce como um sonho coletivo e serve para nos “conduzir a um tipo de consciência que é espiritual”¹ (CAMPBELL, 2014, p. 15). Quando esta consciência sobre a ótica do pensamento de Campbell se reconhece, ela reage diante do fracasso ou do sucesso humano, pois o mito lhe ajuda a dizer quem você verdadeiramente é.

Nos laboratórios do Grupo Arkhétypos de Teatro², acessamos muitos mitos adormecidos dentro de nós e são essas histórias que vão nos revelar as forças que convergem e divergem em nossa direção, é nisto que consiste o poder do mito. Cada ator, quando acessa uma determinada energia, esvazia seu jarro

¹ O termo “espiritual” neste trabalho não tem cunho religioso, mas sim uma proposta de re-integração do ser humano com ele mesmo e com o cosmos.

² O Grupo Arkhétypos foi formado em 2010 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte pelo Prof. Dr. Robson Haderchpek e por um grupo de alunos que decidiram se dedicar à pesquisa artística dentro da Universidade. O Grupo trabalha numa perspectiva laboratorial e desenvolve seus espetáculos a partir de um mergulho no universo simbólico de cada ator, sempre associando a prática artística com a busca pelo autoconhecimento.

alquímico³ e deixa que os mitos se manifestem através de arquétipos. Um a um, então, conta uma história que se revela única perante a configuração dos corpos em cena. Há o despertar de experiências que atravessam encontros, porque ligamos nossa alma àquele ser que se materializa em ornamento aos diferentes olhares. Por isso precisamos do outro, do olhar do outro, do diretor que vê as histórias sendo narradas sem palavras, ele é a luz que ascende nossa chama interior, ensinando-nos a apagar quando necessário.

Reviver mitos e realizar rituais é uma questão inerente ao ser humano. Por mais que a sociedade levante-se contra tais referências de nossos ancestrais, em algum momento, o mito se manifestará, e cabe a nós manter vivo o que o mito nos diz. Devemos tentar alcançar a transcendência, pois “o segredo do mito é ensiná-lo a penetrar no labirinto da vida de modo que os seus valores espirituais se manifestem” (CAMPBELL, 2014, p. 122).

A magia é a arte ou a ciência de criar possíveis acontecimentos no campo da realidade. Nesta suposta realidade, empestada de indecisões humanas, inclusive, conflitos interpessoais, surge o teatro, que alcança uma das formas de sair dessas forças contrárias que impede o ser de se inflamar por dentro.

Neste teatro em que tanto acredito, busquei uma associação entre o mito do pássaro e as sensações míticas vividas, pois o manto que cegava por dentro foi retirado, sendo capaz de me guiar, influenciando-me a sacrificar velhos hábitos. O processo deu luz ao arquétipo da *Espera*, revelando, sobretudo, como o arquétipo da *Bruxa* surgia em determinados momentos, durante o acesso aos elementos da natureza.

O trabalho com a poética dos elementos é uma pedagogia utilizada como fonte de inspiração ao processo; e neste, em especial, a água era o elemento onírico mais acessado. Assim, o encontro com o arquétipo, vem da mitologia pessoal que se mostra em construção mediante a cena, revelando não só os deslumbres

³ O “jarro alquímico” do ator funciona como um veículo de energia, por isso a importância de esvaziá-lo.

escondidos e sim os mecanismos que cada um pode encontrar em um jogo ritual, a partir do encontro com o outro.

A imagem da mulher na contemporaneidade recebeu forte influência do advento da cultura e da educação ao longo dos anos. Desde os primórdios da humanidade, no berço da civilização, os arquétipos femininos são para essas mulheres um guia para a criação de uma mitologia pessoal específica. Desse advento feminino, elas trouxeram para a cena da vida as histórias narradas por fadas, ninfas, bruxas, guerreiras, demônias, sacerdotisas, heroínas; como fatos sem fim de uma sociedade devastada pela guerra do homem. Muitas sofreram e sofrem pela perda da autenticidade feminina e trancam-se em seus quartos perdendo a chance de encontrar a liberdade.

Jung (2000) nos diz que o nosso inconsciente pessoal⁴ armazena conteúdos reprimidos, esquecidos pelo tempo, mas temos, acima de tudo, um inconsciente coletivo de natureza universal, composto de experiências, tanto individuais quanto pessoais. Neste universo escondido na mente humana, podemos encontrar as imagens primordiais, ou seja, os arquétipos, que na medida do possível aparecem em forma de sonhos, fábulas.

A mulher, segundo Estés⁵ (2014) pautada nas afirmações de C. G Jung, possui uma natureza psíquica em que a Mulher Selvagem⁶ deve atuar como um instrumento regulador. É ela que auxilia os instintos da mulher, lhe mostrando que sua sobrevivência depende deste contato entre mente e espírito, pois ao romper este vínculo, ela entra num estado, onde seus ciclos naturais são perdidos, esquecidos, contidos nos confins de seu universo.

⁴ Segundo Jung (2000), o inconsciente coletivo é, simplesmente, onde moram nossos mais profundos arquétipos.

⁵ Clarissa Pinkola Estés, PhD, é uma acadêmica de renome internacional, poetisa premiada, psicanalista junguiana, poetisa e cantadora de histórias. Revela em *As Mulheres que correm com os Lobos* (2014), uma psicologia da mulher em seu estado mais puro, o de profunda busca do conhecimento da alma.

⁶ Para Estés (2014) a mulher selvagem habita o interior da alma feminina, ou seja, é a própria alma da mulher.

Em diversas partes do mundo, e em muitas culturas, existem histórias que apresentam o arquétipo feminino como referência para ilustrar uma versão mitológica. Clarisse Pinkola Estés (2014), a encantadora de histórias, se apropria de muitos contos para estudar a psique feminina, desconstruindo estereótipos, por acreditar que esses contos nos ensinam a aprender sobre a arqueologia feminina.

“*Pele de Foca, Pele de Alma* é uma história sobre a nossa origem, do que somos feitas e de como todas nós precisamos, com regularidade, usar nossos instintos e descobrir o caminho de volta ao lar” (ESTES, 2014, p. 295). A metáfora da pele de foca, neste conto, é um encontro consigo mesma, porque nenhuma mulher pode ser afastada de seu lar, melhor dizendo, de sua alma.

Mesmo que tenhamos tentado impedir uma reincidência do roubo praticamente nos costurando à nossa pele da alma, são pouquíssimas as mulheres que atingem a maioridade com mais do que alguns tufo da pele original intactos. Deixamos de lado nossas peles quando dançamos. Aprendemos o mundo, mas perdemos nossa pele. Descobrimos que, sem nossas peles, começamos lentamente a definhando. Como a maioria das mulheres foi educada de modo a suportar esse tipo de estado com estoicismo, como suas mães suportaram antes delas, ninguém percebe que algo esteja definhando, até que um dia... (ESTES, 2014, p. 307).

A mensagem da autora é a de que toda mulher consiga encontrar o caminho de volta ao lar, a sua essência. Mas para isso, é preciso resgatar do *self* instintivo, de onde provém toda a singularidade dela, e que ele seja reorganizado, nutrido de amor e esperança. A alma feminina, segundo a autora junguiana, tem um sistema de alerta antecipado, ouvir esse alerta, requer dela um poder que só pode ser alcançado mediante suas ações dentro de seu sistema de vida. Se perder o contato direto com a pele, perderá a chance de voltar para casa.

A princípio, ser mulher era tentar se enquadrar aos padrões impostos pelo patriarcado, onde regras e bons comportamentos eram a chave para uma sociedade justa e igualitária. Hoje, muitas mulheres tentam fugir desse rótulo constituído há anos, pois as deusas, os arquétipos responsáveis pela vitalidade feminina se revoltam contra a Era da dominação masculina e renascem como a fênix.

Elas estão trazendo à tona o velho mito da Deusa Mãe. Campbell (2014, p. 174), afirma que o mito se renova a cada geração e em cada hemisfério. Dele renascem histórias, superstições e renovam-se vidas. A grande Deusa Mãe é o princípio regenerador da atualidade, e muitas mulheres o revivem quando tentam resgatar a natureza selvagem perdida em sua psique, pois “quando você tem uma Deusa como criadora, o próprio corpo dela é o universo, ela se identifica com o universo” e você alcança a dádiva oferecida por ela.

Este mito contado há milênios revela que o corpo da mulher é o maior responsável pela riqueza da vida e que sem este conhecimento o mundo não desencadeia seu processo evolutivo. A mulher é a guardiã das chaves do universo, ela possui a massa para modelar as formas, nasce dela o ser que se propaga no tempo e no espaço. A sabedoria feminina,

É a mulher como doadora de formas. Ela é quem dá vida às formas e sabe de onde estas provêm. Provêm daquilo que está além do masculino e do feminino; daquilo que está além do ser e do não-ser. Aquilo que ao mesmo tempo é e não é. Nem é nem deixa de ser. Está além de todas as categorias da mente e do pensamento. (CAMPBELL, 2014, p. 191).

As imagens primordiais nascidas da força feminina fazem dela um ser capaz de equilibrar as formas que se projetam na mente. É através desse encontro consigo mesma que ela entrará em estado de preservação do próprio ser, sendo ela um recipiente mágico que controla sua feminilidade. Deixar-se levar pela simbologia dessa relação com o mito lhe ajuda a traduzir suas metáforas, aproximando-a do autoconhecimento. Sendo assim, conhecer mitos, portanto, contribui para que os preconceitos concebidos por elas mesmas sejam desmitificados para sempre.

Minha pesquisa sobre a mulher selvagem e a sua natureza instintiva foi iniciada em 2015 no Grupo Arkhétypos quando senti necessidade de investigar profundamente o meu arquétipo. Após encerrarmos dois anos de temporada do

espetáculo *Revoada*⁷, eu estava, na verdade, precisando passar por uma restauração.

Essa iniciativa obteve repercussão quando comecei a ler as obras do escritor moçambicano Mia Couto⁸, as quais, em algum momento, começaram a mexer com as minhas inquietudes. Campbell (2014) nos diz que quando você lê muito um autor, o seu mundo se abre significativamente, lhe mostrando possibilidades. Foi o que aconteceu comigo. Após a leitura de obras de Mia Couto, comecei a perceber a semelhança entre meu arquétipo de cena/vida real e as mulheres de sua narrativa, sobretudo, quando fazia associações com o mito da mulher selvagem. Foi então, que tive meu primeiro encontro com o *self* instintivo⁹; busquei dentro do escuro que me habitava a luz necessária para ver as possibilidades mutáveis que eu possuía; precisei em primeiro lugar, investigar-me.

No escuro de mim mesma encontrei o meu lugar neste espaço chamado teatro.

Em um dia, sozinha em casa, apaguei as luzes, fui para meu quarto e tranquei a porta. Estava confusa, com medo, aflições invadiam minha alma e mesmo sem saber o que estava fazendo, deixei apenas uma vela acesa em cima de uma escrivaninha. Deitei-me no chão e falei comigo mesma; busquei dentro de mim forças para tomar minhas decisões, procurei a luz que as pessoas tanto me falavam. Após horas, eu a senti, ela estava lá, fraca, quase apagando, edecidisegurá-la. Ela se ascendeu, forte. Neste momento, renasci.

Não parei mais de investigar-me.

⁷Revoada é um espetáculo ritual, proposto para trinta espectadores, que juntos participam de um grande processo de renovação, de reencontro consigo mesmo e com o desafio do novo. Foi dirigido pelo professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Robson Haderchpek. O espetáculo, inspirado na obra Conferência dos Pássaros - conto de Farid Ud-Din Attar, é um mergulho nos espaços mais profundos do universo em busca da liberdade. Ao som de tambores, de cordas e de vozes atenuantes, o público é chamado a participar desta grande viagem pelos sete vales da transmutação, alçando voo junto com os homens-pássaros que estão sempre sedentos por respostas.

⁸ As obras lidas deste autor foram: *A Confissão da Leoa* (2008), *O outro pé da sereia* (2012), *Antes de Nascer o Mundo* (2009).

⁹ Segundo Estés (2014) o *self* instinto é algo inerente à natureza instintiva da mulher. O termo Mulher Selvagem está por trás destes instintos e é devido a ela que a mulher regular seu coração ao longo do tempo. Quando a mulher nega o *self* ela aprisiona sua alma e perde as camadas de sustentação que são emanadas da psique instintiva feminina. Perder o *self* instintivo é perder o perfume da própria alma.

A Mulher Selvagem como arquétipo é uma força inimitável e inefável que traz para a humanidade um abundante repertório de idéias, imagens e particularidades. O arquétipo existe por toda a parte e, no entanto, não é visível no sentido comum da palavra. O que pode ser visto dele no escuro não é visível à luz do dia. (ESTÉS, 2014, p. 44).

Explorei minha psique sem medo do pior, sai vasculhando as feridas e obtendo respostas. Escutava as vozes que me chegavam e nunca mais parei de ouvi-las. Entendi que sou uma mulher que corre com os lobos, que gosta da noite e seus mistérios, que se esconde dos homens bons, da humanidade desumanizada, que rasteja pelos cantos assombrando os fracos e humildes de coração por acreditar mais neles do que em mim mesma. Somente a densidade da lua consegue acalmar meu coração e em um segundo de oração, durmo o sono dos justos em dias tenebrosos.

A mulher corajosa não tem medo de investigar o pior. Isso garantirá um aumento no poder de sua alma através das percepções e oportunidades dadas para reexaminar a sua vida e seu próprio eu. Neste tipo de exploração agrícola de sua psique, brilha a mulher selvagem. Não teme a escuridão mais escura porque, na verdade, ela pode ver no escuro. (ESTÉS, 2014, p. 60).

Sim, sou selvagem e quando se aprende sobre o sentido do termo selvagem, o desejo de ajudar as outras mulheres que estavam no mesmo estágio que você estava é enorme. Se começa a perceber os sintomas daquelas que precisam resgatar o *self* instintivo, elas não sabem que precisam usar a voz da alma e sussurrar alto ao invés de baixo. Um dos pontos que mais observei durante minha restauração foi o fato de você ter que fazer isso sozinha. Não existe ajuda, é uma conexão solitária, ninguém pode lhe ajudar mais que seus instintos, só eles têm as respostas e encará-los é doloroso. Muitas mulheres insistem em não passar por tanto sofrimento, porque dói profundamente.

Estés (2014) diz que este trabalho deve ser realizado no deserto de nossa psique, pois o mito *La Loba*, a velha que sabe tudo e que mora dentro de nós mulheres, permanece viva tentando nos libertar, tentando nos restaurar, e não para jamais de fazer seu trabalho. Mas é preciso escutá-la, deixar que a alma se refaça a cada novo dia, a cada novo encontro. Cantar o hino da criação;

renascer; expulsar os demônios, matar o que lhe impede de ser feliz é nosso maior dever.

La Loba, a velha. Aquela Que Sabe, está dentro de nós. Ela viceja na mais profunda alma-psique das mulheres, a antiga e vital Mulher Selvagem. A história de *La Loba* descreve sua casa como aquele lugar no tempo no qual o espírito das mulheres e o espírito dos lobos se encontram — o lugar onde a mente e os instintos se misturam, onde a vida profunda da mulher embasa sua vida rotineira. É o ponto onde o Eu e o Tu se beijam, o lugar onde as mulheres correm com os lobos. (ESTÉS, 2014, p. 43 e 44).

Quando leio *Um Teto Todo Seu* (2014) de Virginia Woolf entendo quando ela fala do silêncio de tantas mulheres durante tanto tempo ao longo de suas vidas. Elas foram confinadas e se calaram, tornando-se inferiores ao sexo masculino. O fato de ser mulher as impedia, segundo Woolf, de dedicar-se à escrita, não tendo em especial um lugar só seu para realizar sua produção. A autora denuncia isto, e luta para que a mulher tenha uma relevância maior perante a sociedade masculina, sobretudo, para que ela possa refletir sobre si mesma.

Neste ponto, lembro-me de Estés (2014, p. 91) quando nos diz que “a intuição é o tesouro da psique da mulher”. Negar isso é destruir sua psique. Virginia Woolf não negou, ela contribui para que todas as futuras escritoras tivessem condições de seguir seus caminhos sem medo de serem descobertas. Assim como as escritoras de séculos passados, existem muitas e outras mulheres que se sacrificam pela sociedade e negam a si mesmas o direito de serem autônomas.

A mulher selvagem existe dentro de todas nós, e, nela, reside o sabor da vida. Deixar que ela ganhe espaço é fortalecer as camadas da alma, é contribuir para que tudo que nos rodeia se conecte com o universo e transforme a vida em uma chama que se renova sempre. A alma feminina tem muito poder, pois “[...] a mulher é tudo o que importa à vida: conceber nascimento e a nutrição. Seus poderes a tornam idêntica à deusa-terra, e tem de tomar consciência disso”. (CAMPBELL, 2014, p. 87).

O processo *Ar*¹⁰ trouxe-me muita oportunidade, revelando-me saberes surpreendentes, que me fez conhecer os caminhos energéticos que estava acessando quando acionava meu arquétipo. O processo em si, que durou cerca de um ano, foi pouco para tantas perguntas. As descobertas surgiram em contrapartida às apresentações, pois em cada uma delas, um dado novo surgia e eu pude compreender a minha função dentro do espetáculo *Revoada*.

O arquétipo que desenvolvi no *Revoada* partiu da imagem do pássaro Falcão, pois cada ator deveria escolher um pássaro como inspiração. A personagem foi surgindo devagar nos laboratórios, e poucas eram as minhas relações, mas me tornei uma grande guerreira do espetáculo. Minha personagem é feminina, apesar de muitos acharem que não, e é forte, mata e ama ao mesmo tempo. Traz em seus confrontos a descoberta da simbologia feminina e seu maior papel dentro dos encontros é despertar no espectador, sobretudo a mulher, a força que ela tem em seu interior.

Nos laboratórios, descobri acima de tudo, que inicio a minha cena morta. A sensação veio quando estudei sobre as mulheres no decorrer dos séculos na disciplina de *Encenação I*¹¹, na preparação para a montagem de um espetáculo. Mergulhada em uma pesquisa bibliográfica a respeito dessas mulheres, descobri o porquê da minha aparência física, do meu figurino, da minha maquiagem, da raiva física sentida e da simbologia da palavra *Espera*.

Estou precisamente falando, da personagem do espetáculo *Revoada*, abri um espaço para justificar como cheguei a esta conclusão, que só ocorreu quando aumentei meu repertório de leitura sobre a mulher, principalmente, as mulheres das narrativas de Mia Couto.

¹⁰ O processo *Ar* foi desenvolvido pelo Arkhétypos Grupo de Teatro entre setembro de 2013 e agosto de 2014 e teve como mote o elemento “ar” e o conto persa A Conferência dos Pássaros de Farid Ud-Din Attar; foi este processo que deu origem ao espetáculo *Revoada*.

¹¹ *Encenação I* é uma disciplina obrigatória do curso de Teatro e teve o Professor Ms. Makários Barbosa como ministrante. Nesta disciplina trabalhamos a estética Realista.

“Esperar é a maior e mais antiga vocação das mulheres”, disse Mia Couto em *A Confissão da Leoa* (2008), e conclui em páginas posteriores: ser mulher é “ser uma sombra, e ter alma, contudo, é um peso que só morta seremos capazes de suportar”. Forte e desafiador foram as palavras da narrativa fantástica do autor, mas elas não saíram mais da minha cabeça e nem do meu arquétipo. Li e reli o romance e montei colaborativamente espetáculo intitulado: *Você Lembra?*¹²

O que me impressionou mais durante a minha busca; foram as palavras – morte, vida, espera, falcão, mulher. Pensei tanto, que comecei a fazer relações com o arquétipo que desenvolvi no *Revoada* e com o mito da mulher selvagem. Comecei a montar meu quebra cabeça, coloquei uma coisa em cima da outra e sai colando as páginas da minha história.

Primeiro li um pouco mais do autor Mia Couto, depois li Clarissa Pinkola e as *Mulheres que Correm Com os Lobos* (2014) e por último, li meu caderno do processo AR. Minha mitologia começou a se formar perante meus olhos, coisas surreais surgiram e descobri: estava mesmo morta quando iniciei meu processo. Os vales¹³ da *Busca* e do *Amor* não foram suficientes para reais descobertas. Somente a partir do vale do *Conhecimento* renasço para a vida.

O público me ajudou muito nesta busca pela identidade. Alguns espectadores achavam, pela própria maquiagem, que sou uma personagem revoltada, sofrida, malvada. Eles não sabiam que estava morta e que a aparência influencia muito, pois escolhi justamente o preto para guiar minha suposta feição. Hoje, esta cor tem uma simbologia singular:

¹² A cena “Você lembra” é uma junção de obras literárias do autor Mia Couto, de textos da célebre Virgínia Woolf, do romance *Araceli meu amor*, e do filme brasileiro *Elena*. Essa mistura de universos retrata apenas uma única e elementar personagem – **a mulher**. O drama é vivenciado por três irmãs, sofridas pelos maus tratos do tempo e da própria vida: “a mulher é uma sombra e ter alma, contudo é um peso que morta ela é capaz de suportar”. A cada ação das três irmãs surge a presença forte de elementos que nos levam a perceber como cada um deles está inserido na vida de todos nós. Mediante o drama realista, surge um ponto chave desta encenação, uma pergunta, talvez: você lembra? Esta pergunta pode conduzir o público a tomar atitudes que transforma e forma a história de cada ser através do olhar provocador que o teatro possui.

¹³O Espetáculo *Revoada* possui em sua dramaturgia sete vales: Busca, Amor, Desapego, Compreensão, Morte, Unidade e Deslumbramento.

O negro é a cor da lama, da fertilidade, da substancia básica na qual semeamos nossas ideias. É a cor da morte, do escurecimento da luz, é a cor associada àquele mundo entre os mundos, pois o negro é a cor da descida, é uma promessa de que você logo irá saber algo que antes não sabia. (ESTES, 2014, p. 122).

Não só a cor em si me revelou tais sensações, mas a dor que se construía era tão avassaladora que elas proporcionavam desencontros. Portanto, os encontros comigo mesma foram os mais sombrios porque eu tinha que resgatar minha essência perdida há anos. Poucas vezes entendi o que se passava e deixei que o tempo fosse meu melhor aliado nestas reflexões, pois o meu primeiro passo dentro do processo foi encontrar-me. Pensando assim, lembro-me de quantas vezes escrevi a palavra medo em meus diários de bordo¹⁴, ela está lá em todas as páginas. “O medo me persegue, sinto um vazio me invadir...!” talvez fosse natural ao invés de sentir paixão, sentir medo. Era ele que ocasionava os meus confrontos em todos os vales do processo AR.

Na verdade, revivi o mito da mulher selvagem. Estés (2014), afirma que a natureza vida-morte-vida é um componente básico da natureza instintiva da mulher e sua manifestação é mal interpretada pelas culturas modernas, porque é mais fácil julgar pela aparência do que acolher. A incapacidade de alguns espectadores de me encarar durante as apresentações só revela que a maioria perdeu a capacidade de buscar dentro de si a sabedoria, pois a “força vem do espírito”, da capacidade de renovar-se a cada novo dia. Os que fogem do olhar “temem viver de fato de acordo com a natureza selvagem”.

Isso me deixava triste, principalmente, porque os olhares eram de empatia e eu tinha medo dessa espécie de recepção. Uma espectadora uma vez me falou:

Público: *Por que você é a única mulher do espetáculo que é diferente?*

Atriz: *(silêncio)...*

¹⁴ Diário de Bordo é um caderno aonde escrevemos todo o processo vivenciado durante os laboratórios. Nele estão escritos os encontros em jogo com outros atores, pesquisas complementares sobre o arquétipo que se trabalha, depoimentos, reflexões, leituras, registros, ou seja, as etapas pelas quais passamos durante um processo de montagem teatral.

Eu não respondi, fui para casa e chorei descontroladamente. Hoje não choro mais! Eu busco informações. Uma das atrizes do grupo me falou que a não identificação do público, em especial mulheres, vem do fato da beleza ser o elemento primordial na vida social como um todo. Lidar com o feio, com a mulher que ataca para se defender são ações pouco vistas. Não há como não se confrontar com tais críticas. Partilho das palavras da atriz¹⁵ quando ela diz:

Pense que de um jeito ou de outro você faz essas mulheres pensar em algo a mais além da beleza exterior, seu personagem desconstrói e mexe com o outro, com a mulher.

Após um período significativo de apresentações, percebi que realmente toco essas mulheres. Pelo olhar posso ver que algumas precisam resgatar o *self* instintivo, pois aquelas que não se identificarem com o arquétipo da Espera, sobretudo, a julgar pelo estereótipo, precisam, assim como diz Clarisse Pinkola Estés, “catar ossos e reencontrar-se”. Porque eu aciono o dispositivo de incômodo, e se ele não for tocado, algo de errado acontece com essa mulher.

Sobre as que se identificam, posso vê-las pelos arredores das cenas, lançando-me sinais de contentamento, algumas veem um pássaro muito além daquele que eu imaginava. Umas das espectadoras, a Professora Angélika Hauser-Dellefant¹⁶ relatou ter visto em meu pássaro a mãe que protege o filho do mal, das extremidades da raiva e do poder maligno dos homens. Vê uma mulher forte, defensora, capaz de sacrificar a vida pelo filho, pois no combate com a águia o falcão não mede esforços e destrona o rei. Na conversa com a professora, ela me relatou o que eu mais desejava saber. Sempre soube que a ave que queria trabalhar era um falcão, mas não um falcão qualquer, não sabia até então, de qual lugar esta ave que me encantava tanto vinha e invadia minha imaginação. Assim;

¹⁵Nadja Rossana atriz do Grupo Arkhétypos de Teatro me falou isso após um período significativo de apresentações do Espetáculo *Revoada*. Estava triste com o comentário da espectadora e resolvi procurá-la para conversar.

¹⁶ A Professora da Universidade de Música e Artes Cênicas de Viena Áustria assistiu ao espetáculo teatral *Revoada* duas vezes quando apresentamos no Evento “Cooperation Project - The Art of Encounter: Connection Brazil and Vienna”, realizado no período de 02 a 07 de março de 2015 na UFRN – Brasil, e de 05 a 15 de dezembro na MDW – Áustria.

Imaginava nos laboratórios, que habitava uma montanha alta e descia a um vale para encontrar outros pássaros. Neste vale, havia aves encantadoras, de cores diversas, de olhares cheios de vida. Cada uma buscava um espaço e descobria-se devagarzinho entre as folhagens do jardim de águas claras e quentes. O fogo do conhecimento abrigava todo o lugar e só se apagava quando alguma ave lhe oferecia dor. Eu me encontrava perdida neste espaço de natureza única, e ficava longe em um galho, sozinha, desfrutando da minha invalidez, da minha intolerância. Marcada pelo desejo de descobrir-me, voava desgovernada mantendo poucas relações, porque não sabia quem eu era nesta história chamada Revoada. (Laboratório de processo AR, 20 setembro 2014)

Eram essas as minhas imagens - um grande vale, segredos de minha imaginação poética jamais contada a ninguém. Quando conversei com a Professora Angélika, ela me falou desse vale. Disse-me que via em meu arquétipo o falcão africano, que habita as montanhas altas e desce aos vales para se alimentar. Eles têm cores equivalentes ao preto e ao amarelo e planam sempre, sem bater muito as asas. Em seu relato fiquei surpresa, pois concretizei minha busca interna.

A minha relação com a produção de Mia Couto teve início neste ano quando iniciei minha busca pessoal, e a professora Angélika com um cuidado todo especial, me presenteou com o final da minha história.

Então, parei de buscar. O vale da Busca foi-me revelado do outro lado do oceano, por um olhar tão meigo que mal podia interpretá-lo. Em relação a isto, escrevi sobre a minha mitologia pessoal e expulsei o demônio que me fazia padecer em dias de espetáculos.

Eu sou o falcão, a ave que espera nas montanhas mais altas para ir ao encontro de outros pássaros, seja para matá-los ou para amá-los, eu estou lá em busca de algo e nunca desisto, porque eu sempre espero. Sou forte, sou mulher e vivo intensamente o revoar das aves magníficas que não cansam de abandonar o ninho para levar amor aos que nada tem. Sou o escuro e é nele que minha luz ascende nos dias mais dolorosos. Mergulho dentro do mais brusco e uno em cena a água, a terra, o fogo e o ar, pois eu vim dos medos que me habitam e da vontade de mudar as coisas, eu vim do próprio escuro; e vou para onde você me chamar, pois estou em todos os lugares. A minha função dentro do Revoada é ensinar o caminho que leva a mulher a ter uma visão sagrada das coisas, inspirando a renovação que passa pela escuridão, pelo desapego, levando-a a verdadeira transmutação. (Laboratório do processo AR, 07 de outubro 2014).



Fonte: Diego Maciel, Natal 2014

Quando acessava a energia do pássaro, de certa forma, estava acessando as deusas lunares – Hécate, Selene e Ártemis. A mulher selvagem misteriosamente está relacionada com o mito dessas imagens, tanto, que Hécate foi a imagem que mais se reverberou no processo vivido na disciplina de *Atuação III*¹⁷. Deste modo, posso dizer que o ritual do qual fiz parte no espetáculo *Revoadá*, só teve sentido completo quando o mito da mulher selvagem se revelou, deixando que eu encontrasse um caminho de acesso para vivenciar outros arquétipos.

Atuação III cursada no segundo semestre de 2015 foi uma disciplina muito proveitosa no sentido de me permitir experimentar um trabalho voltado para a utilização dos quatro elementos da natureza – terra, fogo, água e ar. Ela contribuiu muito para o meu processo de ensino aprendizagem, tanto na área artística quanto educacional. Foi um trabalho de natureza significativa, de caráter único e de sentidos singulares. O que resta, após toda a vivência é a certeza de continuar aprendendo, descobrindo nas entrelinhas das aulas caminhos que me levem a enxergar as possibilidades por trás de cada encontro.

¹⁷Atuação III é uma disciplina obrigatória da nova grade curricular do curso de Teatro, mas, os alunos da grade antiga podem cursá-la como disciplina complementar. Quando cursei esta disciplina estava no sétimo período do curso e tive o professor Dr. Robson Haderchpek como ministrante. O professor desenvolveu uma metodologia pautada na poética dos elementos e através de uma prática laboratorial passamos pelos quatro elementos – terra, fogo, água e ar, e descobrimos arquétipos que se relacionaram em jogo. O trabalho teve com mote essencial o jogo ritual.

Neste envolvimento com os elementos e as diversas energias que iam surgindo mediante o contato com o colega em jogo, pude perceber a importância da função do meu arquétipo dentro do processo. Como já havia vivenciado o mesmo procedimento metodológico no Grupo Arkhétypos de Teatro, aproveitei para mergulhar de alma e corpo no trabalho em sala de aula.

Foi mais fácil, neste trabalho, abrir meu coração para o jogo. Já havia ultrapassado barreiras que me impediam de criar relações com o outro, porque eu comecei a me permitir e apreciar mais o jogo que se apresentava. A busca pelo eu interior desabrochou, o medo de explorar o universo dentro de mim ganhou forças e um SER de aspectos mágicos, sobretudo, selvagem nasceu na sala (B) do Departamento de Artes da UFRN.

Ao contrário, no próprio fato de que alguém se imagine como um comandante agonizante poderá encontrar-se a própria verdade, o que é pessoal, íntimo, subjetivamente deformado, e então, por exemplo, representará o próprio sonho de uma morte patética; a nostalgia de uma manifestação heróica; a humana fraqueza de sublimar-se às custas dos outros; desvelará as próprias fontes, uma após outra, como se desnudasse o tecido vivo. (GROTOWSKI, 2010, p. 89).

Comecei, assim, a desnudar-me e constituir relações. Acreditei em mim e em tudo o que estava vivendo, pois toda mitologia pessoal é bastante reveladora e, na minha em particular, há a instauração da dúvida sempre.

Durante os laboratórios comecei a perceber que meu arquétipo acionava muito uma energia feminina e de natureza mágica. A priori achava que elaborava ações baseadas na lenda dos dominadores da água, tendo em vista que foi o elemento escolhido para aprofundar o trabalho. A água foi um elemento primordial, fui por ela afogada e emergida. Sentia por ela uma riqueza metafórica toda vez que a via, toda vez que a contemplava, era rica sua substância, pois ela me atravessava.

Não sabia por que esse elemento da natureza me impulsionava a caminhar tão solitariamente por caminhos escuros, agora eu sei que o “passado de nossa alma é uma água profunda” (BACHELARD, 1989, p.55). Dela vem essa

escuridão que se forma em matéria através do meu corpo. Quando escolhi a água, escolhi também a terra, e decidi trabalhar acionando a terra e a água.

Como afirma Bachelard (1989, p. 15), “[...] o verdadeiro tipo de composição é, para a imaginação material, a composição da água e da terra”. Nisto, ao escolher a água, antes mesmo de escolher a terra, percebi que em sua contemplação maior, a água aprofunda aos poucos nosso elemento de imaginação materializaste. Desta mistura alquímica, nasceu um arquétipo feminino que aos poucos se constituiu como a deusa da magia.

O *jogo ritual*¹⁸ experimentado a partir dos quatro elementos da natureza me trouxe revelações importantes e de natureza mutável. Detalharei o que cada elemento me revelou nos laboratórios: as impressões de cada ação experimentada nascida com a imagem; as relações vividas que me proporcionaram entender um universo íntimo, escondido e de difícil acesso.

Compreendi o mundo a partir da imagem interior que pulsa dentro de mim, e que toda experiência humana é onírica, infinita e imaginante. “[...] a faculdade de formar imagens da realidade; é faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade” (BACHELARD, 1989, p. 18).

Desdobrando os elementos:

A **Terra** - é um elemento sólido e resistente a todos os tipos de mudanças e talvez, por isso, ela tenha me revelado os lados mais reais da minha personalidade. Descobri que o meu lado grosseiro, eufórico, impaciente e bruto vem desta energia que habita em toda terra. O arquétipo da velha carrancuda que surgiu nos laboratórios nasceu do meu universo bravo, revelando alguém forte, sábia, protetora e, é claro, uma sobrevivente. Minha alma é sertaneja, e jamais deixará de ser, mesmo que os lugares mudem; as pessoas e os modos de viver, ser bruta é algo inerente ao meu ser, porque sou terra, capaz de

¹⁸ Este termo, *jogo ritual* é um termo usado pelo grupo Arkhètypos porque usamos os elementos da natureza (terra, fogo, água e ar) com condutores de imagens durante o jogo.

provocar danos traumáticos, ou permitir que muitos visitem meu território florido de luz e sombra. O meu verbo de ação foi **proteger**.

O **Fogo** – neste elemento foi me revelado o poder que existe dentro de mim. Este fogo que nasce e renasce a cada instante é uma chama que só consegue se ascender mediante a troca entre mim e o universo. Eu achava que eu só podia queimar quando alguém me permitisse, quando alguém mandasse. No laboratório percebi que o calor interno é bastante forte, e muitas vezes, descontrolado, inconstante. Surgiu assim, uma fera que se transformava em mulher e incendiava quem entrasse em seu caminho, mas não queimando para a morte, e sim para a vida, pra algo longe da opressão. Entendi hoje o que fogo tentou me dizer, olhando bem a imagem, em que um homem controla o fogo e o sustenta em suas mãos, decifrei minha resposta: (todos têm poder/fogo, mas, o poder, requer grandes responsabilidades). No momento da minha vida, esta resposta surgiu com reveladora, portanto, o meu verbo de ação foi **incendiar**.

O **Ar** – elemento sublime, suave, puro, pulsante responsável pela vida e pela morte. O ar me presenteia com oportunidades, é a sensação que eu tenho quando aciono a sua energia. Nos laboratórios vi que voar é algo importante ao meu ser, não posso perder esta capacidade de me permitir ir longe, e contribuir para o crescimento dos outros. Em minhas experiências nas aulas, deixei nascer um ser pequeno, que através de uma dança perfumava o ar; cantava; sorrindo a felicidade. O ar é meu lado alegre de ser, altruísta. Entender isso é importante porque eu acelero a força interior que move meu fogo interno, deixando nascer o que as pessoas chamam de carisma. Verbo de ação - **voar**

A **Água** – último elemento, e, sobretudo o mais importante. É o elemento que mais me move, que trilha meus caminhos. Essa afeição com a água vem do próprio signo – escorpião: ser extremamente água. Minha imagem é um símbolo da tribo da água; e eu viajei sobre a lenda dos dominadores dos elementos da natureza. Quando era pequena, desejava ser um Avatar¹⁹ e deixei minha

¹⁹Avatar a lenda de Aang é uma série baseada em antigas lendas que derivam do folclore japonês e chinês, uma mistura mágica que se relaciona aos quatro elementos da natureza, sobretudo, da mitologia chinesa.

partitura nascer desse desejo infantil. Meu resultado ganhou forças e durante todo o jogo busquei sair da forma. Meu verbo de ação – **dominar**.

A água me ensinou que não se podemos controlar os sentimentos, quando eu achava que poderia dominar os meus. Tive que aprender muito com as dores que a vida constantemente me revela, pois, todo o meu sofrimento, melancolia, drama interno, vêm desta água que percorre meu ser. Sendo assim, entendi que o meu sofrimento nesta vida será infinito como a água.

As imagens abaixo foram fonte de inspiração²⁰



Figura 1



Figura 2 fogo



Figura 3 água



Figura 4 terra

²⁰ A imagem 1 - Ar – bruxa-blah-292x300, consultada em 18/08/2015. Imagem 2 – Água – Earth-water-fire-air-avatar-the-last-airbender, consultada em 04/09/2015. Imagem 3 – Fogo dark-ritual, consultada em 25/08/2015 e a imagem 4 –Terra - árvore grande, consultada em 11/08/2015.

Como afirmei anteriormente, desta mistura alquímica, nasceu o arquétipo da bruxa. Mas não de uma bruxa qualquer, eu revivi o mito da deusa Hécate²¹ a senhora da magia e dos caminhos. Comecei, então a fazer relações com as minhas partituras e percebi a semelhança:

Começava minha ação em frente a um altar enfeitado com flores, incenso e pedras místicas. Neste altar, encontrava-se uma jarra com água e um objeto mágico de poder – uma pedra negra, que chamei de talismã. Mantive ações específicas com a pedra e a água o tempo inteiro. No jogo, realizava feitiços e sempre achava que meu universo era místico, como algo surreal. Minha energia era completamente feminina, sedutora, perturbadora. Saía de um lugar escuro, sombrio, onde a dor permanecia constantemente. Vagava entre os espaços me relacionando com seres do submundo. Neste espaço, me aliava a animais selvagens, a cobras, demônios, espectros e acessava as Parcas, aquelas que tecem o fio do destino. Conduzia os mortos entre os caminhos e curava males alheios. Oferecia dor e alegria, dependia do que você me pedisse; podia prever o futuro e guardava as encruzilhadas. (laboratório 21/10/2015).

Essas eram as minhas sensações no encontro com outro, na prática laboratorial vivenciada dentro da disciplina de *Atuação III*.

Em relação ao mito da Bruxa, temos:

Acreditava-se que Hécate aparecia nas noites de Lua Nova com sua horrível matilha diante dos viajantes que cruzavam as estradas. Ela era considerada a deusa da magia e da noite em suas vertentes mais terríveis e obscuras. A poderosa deusa possuía todos os aspectos e qualidades femininos, tendo sob seu controle as forças secretas da natureza. Considerada a patrona das sacerdotisas, deusa das feiticeiras e senhora das encruzilhadas. Frequentava as encruzilhadas, os cemitérios e locais de crimes e orgias, tornando-se assim a senhora dos ritos e da magia negra. Senhora dos portões entre o mundo dos vivos e o mundo subterrâneo das sombras, Hécate é a condutora de almas e as Lâmpades, ninfas do Subterrâneo, são suas companheiras”. Hécate é a deusa dos caminhos e seu poder de olhar para três direções ao mesmo tempo sugere que algo no passado pode interferir no presente e prejudicar planos futuros. Protetora da independência feminina, defensora contra a violência e opressão das mulheres, regente dos seus rituais de proteção, transformação e afirmação. É senhora do visível e do invisível, aguarda na encruzilhada e observa:

²¹Hécate, também chamada de Perséia, era filha dos titãs Astéria - a noite estrelada e Perses - o deus da luxúria e da destruição, mas foi criada por Perséfone - a rainha dos infernos, onde ela vivia. Antes Hécate morava no Olimpo, mas despertou a ira de sua mãe quando lhe roubou um pote de carmim. Ela fugiu para a terra e tornando-se impura foi levada às trevas para ser purificada. Vivendo no Hades, ela passou a presidir as cerimônias e rituais de purificação e expiação. Hécate em grego significa "a distante". Consultado em 16/03/2016. Disponível em: (<http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2011/10/hecate-deusa-dos-caminhos.html>).

o passado, o presente e o futuro. Ela não se precipita, aguarda o tempo que for preciso até uma direção ser tomada. Ela não escolhe a direção, nós escolhemos. Ela oferece apenas a sua sabedoria e profunda visão, acima das ilusões²².



Esse arquétipo nasceu da minha mitologia pessoal, do que sou feita. Como Hécate também sou dona de um caldeirão de transformações, onde residem as possibilidades, capacidades mágicas e oraculares. As pessoas estão acostumadas a disfarçar a morte e o medo que têm delas, eu não. Eu desafio a morte porque sou heróica e solitária. Estou destinada a escuridão como a bruxa Hécate. Na verdade, é nela que busco luz em dias de trevas.

O mito trabalhado nos laboratórios de criação me revelou qualidades em mim jamais percebidas. A questão da intuição nunca ouvida me fez observar mais cuidadosamente este meu lado místico. Essa bruxa leva-te a mergulhar em seu mais profundo inconsciente, e você descobre um poder verdadeiro capaz de mover o céu e a terra. Recebi dela seu dom visionário e deixei que ela retirasse o manto que me cegava por dentro, ela me guiou e eu sacrifiquei velhos hábitos.

²² Tanto o texto quanto a imagem foram retirados do sit: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2011/10/hecate-deusa-dos-caminhos.html>. > Consultado em 18/03/2016.

Incrivelmente, trabalhar nesta disciplina com água, me deixou muito inquieta, porque não acreditava em tantas possibilidades. Quando o coração se abre verdadeiramente, somos capazes de transpor a alma da cena, somos motivados a trocar energia com amor. É, pois o amor, o maior condutor de significados dentro de um trabalho como este, se ele não o guiar, cairemos na forma, na superficialidade e isso desequilibra as forças que convergem às relações.

Viver arquétipos através dos mitos em nossos mais fantásticos devaneios me remete as considerações de Campbell (2014) quando este fala sobre o mito e seu poder limiar. O mito não poder ser previsto, ele simplesmente se manifesta, encontra um caminho e chega até você para lhe oferecer – seu amadurecimento. “[...] Mitos e sonhos vêm do mesmo lugar. Vêm de tomadas de consciência de uma espécie tal que precisam encontrar expressão numa forma simbólica”. (CAMPBELL, 2014, p.33).

Quando somos capazes de encontrar as formas simbólicas, podemos interpretar as mensagens que o mito tenta nos passar. Eu ouvi as mensagens do mito de Hécate e deixe-me guiar por elas. Ao sentir isso, pude criar dramaturgia no encontro com o outro em sala de aula. Foram tantas as experiências que o ritual, simplesmente acontecia. Vivi histórias e participei de um grande encontro, senti a seiva da vida reverberando no outro. Somos essência de um jarro alquímico que une cada partícula do ar da vida durante um laboratório.



Fonte: Diego Maciel, 2015

Realizamos no Arkhétypos grupo de teatro a magia da qual Artaud (2004) se reportava em suas considerações sobre o teatro. Neste encontro com o humano, podemos oferecer uma alquimia que passa pelo viés da alteridade, da suspensão coletiva de todos os envolvidos numa ação dramática inerente aos *Encontros*.

Ao trabalhar na perspectiva de desvendar os olhos do espectador, o Arkhétypos acredita que ao partilhar a experiência do ator em cena com o público, eles comungam juntos do rito, entendendo que, ao sair do espaço cênico, podem se transformar e se envolver com a mudança interior.

As imagens primordiais que vivenciei me fizeram mergulhar num devaneio singular sobre como os meus arquétipos nasceram mediante a prática artística no Arkhétypos Grupo de Teatro. Resgato o mito da mulher selvagem e uno aos quatro elementos da natureza (terra, fogo, água e ar) um jarro alquímico de sensações, que transborda a cada lua cheia. Nesta mistura surgem dois arquétipos que se configuram em imagens, pois através do corpo e do próprio mito criado e revivido, busco semelhanças como minha vida real, aprendendo a transpor para a cena da vida as metáforas deixadas nas entrelinhas das histórias.

Somos parte integrante de um arquétipo, somos nós mesmos que nos revelamos em cena. A epistemologia e histórias da Cantadora/Contadora Clarissa Pinkola Estés (2014) fomentou, consideravelmente, uma força inefável em mim, levando-me a especular através de uma meditação profunda, sobretudo com o teatro, a descoberta elementar de meu ser.

Contudo, somos canais abertos a transformação sempre, e, eu encontrei na cruzada da formação de atriz caminhos, propícios a inversão, extensão, renovação. E assim, mediante toda a construção que obtive, acredito consideravelmente que, “*dentro de água sou ave*” (COUTO, p. 17).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu Duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Teatro e Ritual**. Organizador Cassiano Sydow Quilici. São Paulo: Annablume Fapesp, 2004.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo, Martins Fontes, 2013.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 2014.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **As Mulheres que Correm com os Lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GROTOWSKI, Jerzy; POLASTRELLI, Carla; FLASZEN, Ludwik. **O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969**. São Paulo: Fondazione Pontedera Teatro, Editora Perspectiva, 2010.

GROTOWSKI, Jerzy. **Por um teatro pobre**. Brasília: Teatro Caleidoscópio & Editora Dulcina, 2011.

HADERCHPEK, Robson Carlos. **O Ator, O Corpo Quântico e o Inconsciente Coletivo**. João Pessoa, V. 6 N. 1 jan-jun/2015. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

_____. **A Arte do Encontro**: A Conferência dos Pássaros em Viena. Relatório de Pós-Doutorado. Viena/Áustria: Universidade de Música e Artes Cênicas de Viena, 2015a. 47 p.

_____. **A Dramaturgia dos Encontros e o Jogo Ritual**: Revoada e A Conferência dos Pássaros. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

URDIMENTO - **Revista de Estudos em Artes Cênicas** / Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Teatro. - Vol1, n.15 (Out 2010) - Florianópolis: UDESC/CEART.

WOOLF, Virgínia. **Um Teto todo Seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.